

PEREGRINAÇÃO EM PORTUGAL
MEADOS DE SEISCENTOS
(OLHARES E IMPRESSÕES DAS TERRAS E DAS GENTES)

À espera de retoques finais para publicação guardamos desde 1993 o presente trabalho * que agora pela primeira vez trazemos a lume nas páginas da Revista de Filosofia em número especial de Homenagem a Sr. Prof. Doutor Eduardo Soveral. Para além de naturalmente nos desejarmos associar – também por esta via – a esta iniciativa, o tema não será totalmente descabido dado que a descrição e imagem físicas se associam quase sempre à peregrinação interior e filosófica. Relevar-me-ão, não obstante, o tema abordado, porque no primeiro aspecto poremos o acento principal da “viagem”.

O principal objecto desta intervenção é, efectivamente, a descrição física do País e das suas gentes num período que cobre – genericamente – a primeira metade do século XVII. Utilizaremos para isso uma fonte até hoje não aproveitada (ainda que corra impressa) com esse objectivo: o de completar, corroborar, às vezes alargar, mas sempre e acima de tudo enriquecer, uma imagem e uma realidade que cremos ter vindo a remodelar – Portugal de Seiscentos – particularmente da Primeira metade quase toda ela coincidente com a administração filipina.

Permitindo-nos remeter (na sua globalidade) para trabalhos vários já publicados, temos vindo a chegar e a acercar-nos de uma realidade bem diferente da imagem tradicional da historiografia anterior – quando sob essa administração se pronuncia. Nos aspec-

* Em síntese e versão reduzida apresentada em 1993 no Ciclo de Conferências Norte de Portugal – Galiza “Os Caminhos de Santiago”.

tos económicos e sociais a situação tem-se vindo a revelar bem diferente dessa imagem tradicional de decadência e abatimento genérico e global. Á partida e acima de tudo uma imagem e uma realidade não homogêneas, que torna, de facto impossível meter na mesma linha ascendente de decadência todo o período que vai de 1580 a 1640.

Mas paremos por aqui estas observações.

O objectivo de hoje é fazermos companhia a uma Peregrino de Santiago que atravessa toda a terra portuguesa, deixando apontamentos de interesse sobre os locais que vai percorrendo e as gentes com quem vai contactando. Busquemos, por isso, as sandálias e a cabaço, socorramo-nos do bastão, atiremos o alforge aos ombros e sigamos de companhia com esse curioso e singular Peregrino, até Santiago de Galiza, antes que se nos escape por trás das portas e alcovas das estalagens e tavernas de Ayamonte, que pressa tem de passar o Guadiana e entrar na sua terra natal.

Gusman de Alfarache de seu nome literário é um caso típico do viajante ibérico do século XVII, dentro da mais genuína tradição e mentalidade picaresca da época.

Nobre arruinado, qual Sancho-Pança – ex condenado das galés, fugido e perseguido das Justiças, frequentador dos *bas-fonds* da Sociedade Seiscentista, mas conhecendo-a por dentro como ninguém, visitador obrigatório das tascas, bodegas, estalagens e lugares de boémia, entre tantos desses “trabalhos” não deixa de ir apontando as características dos lugares por onde passa e de sobre eles emitir o seu juízo e a sua opinião. As numerosíssimas paragens nas anexins da sabedoria popular que constantemente transcreve e a que se arrima, são outros tantos comentários morais e filosóficos com que passa através da Sociedade de seiscentos. Essas máximas de sabedoria popular prefusamente recolhidas darão um riquíssimo arrima (trabalho de recolha que igualmente fomos fazendo e metendo no alforge das recomendações morais e filosóficas enquanto o acompanhávamos e seguíamos na sua longa Peregrinação Peninsular) ¹. Por hoje, todavia, vamos quedar-nos essencialmente pelas referências descritivas da realidade física e social das terras percorridas.

Vindo de Itália e Liorno por Sevilha fomos buscá-lo à fronteira

¹ Cremos poder vir a fazer delas uma publicação à parte.

de Ayamonte. A partir daí fizemos viagem conjunta até entrar na Galiza, onde ia – de romagem a Santiago – expiar as suas culpas – (ou cumprindo uma das obrigações tão caras à devoção e mentalidade de seiscentos).

Na verdade, desde há tempos, que este curioso peregrino nos aguarda, junto a aquela fronteira, para que com ele façamos também a Viagem e o Caminho de Santiago.

Por favor real, recém-resgatado das galés onde passara as que o diabo amassou, ao Santo prometera a romagem por tão grande favor concedido.

O viajante vem de Liorno – centro aliás, de uma activa colónia de portugueses – sobretudo cristãos-novos – que dali fazem lugar de redistribuição para Itália e restantes postos do Mediterrâneo de mercadorias portuguesas – à frente dos quais figura, sem dúvida, o açúcar.

Depois de passar pelo grande entreposto do comércio atlântico que era Sevilha, no auge da sua prosperidade mercantil – e certamente também da marginalidade urbana peninsular – rumara para Ayamonte, lugar de fronteira e centro de um pequeno comércio local e regional, envolvendo as terras ribeirinhas e sobretudo as terras do Algarve – que irão sofrer pesados golpes com as hostilidades abertas pela Revolução que rebentara em Lisboa, nesse mesmo ano de 1640.

Por alturas de 1640 Ayamonte é um lugar pequeno, embora aí surpreenda um trato de escravos em plena actividade. Naturalmente, ponto de passagem para Portugal mas sobretudo para Andaluzia e Sevilha, donde seguem para as Américas espanholas.

Não nos poderemos nunca dispensar da leitura integral do texto – que anda impresso – ainda que de acesso pouco fácil. O viajante, numa vida descomprometida de boémia, de vagabundagem e de aventura do mais típico gosto do pecarismo ibérico de Seiscentos, passando-se por nobre – mas arruinado e fanfarrão, traça-nos, na verdade, um espantoso retrato do país. Não tanto até nos seus aspectos físicos – embora alguns apontamentos sejam de grande interesse – mas sobretudo morais e mentais, a nível dos costumes das tradições e comportamentos levando-nos até bem dentro da Sociedade de Seiscentos. E a “Revista” e a “Viagem” faz-se por inteiro desde os mais altos escalões sociais aos mais ínfimos e marginais segmentos da população.

Ampla romagem, em que a ida à “Casa do Apóstolo” nos surge mais como um pretexto do que como uma finalidade em si. Dessa passagem pelo interior da Sociedade de Seiscentos resulta, outrossim, um considerável acervo de dados sobre costumes, lendas, tradições populares, uma colectânea infindável de ditos populares, rifões então em uso e que ainda hoje persistem, aliás, no linguajar do português e nos aforismos da “sabedoria” populares. Variedade de histórias, contos e peripécias de todo o género retiradas de viver e sentir quotidiano do Homem de seiscentos. Com eles se entretém o Peregrino iludindo as distâncias, de terra em terra, entretendo as horas de descanso e repouso, seja no pátio das estalagens seja ao balcão das tabernas que bordejam os caminhos. Muitas são retiradas do seu próprio viver, outras as ouve com atenção dos companheiros de viagem, outras as recolhe nos locais por onde passa.

Espantosa galeria de figurantes, desde nobres e mercadores, aos aventureiros e marginais, ladrões, vigaristas e prostitutas, a par do clero que no decorrer do texto desempenha um papel fundamental, como um dos elementos, aliás, fulcrais da sociedade seiscentista portuguesa.

Esse Peregrino metido na pele de Pícaro, usa nome Castelhana mas é uma personagem bem portuguesa, tal como os companheiros que o autor do romance vai introduzindo na sua comitiva, ou que apenas surpreende e encontra nas terras e caminhos por onde passa.

Curioso relato, praticamente desconhecido na produção literária de seiscentos, e até hoje não aproveitado como fonte histórica documental – apesar da sua inegável riqueza. Mesmo a nível da reflexão filosófica e política, não deixa este texto de ter o seu interesse para o melhor esclarecimento do Século XVII em Portugal.

Duas notas rápidas sobre o autor deste romance Picaresco. É ele de extracção minhota, quase nosso conterrâneo nascido no coração do Minho nas terras de Entre Homem e Cávado em 1595, de seu nome Félix Machado da Silva Castro e Vasconcelos, filho de Feliz Machado Araújo de Sousa e Castro este, como seu Pai, Senhor das Casas de Castro, Vasconcelos, Barroso e dos solares delas e das Terras de Entre Homem e Cávado, da vila de Amares e ainda da Comenda de Sousel.

Estuda em Braga, em Lisboa e Santiago e depois em Madrid, onde se fixa em 1621 consorciando-se aqui com a filha de um os

grandes de Espanha. Participa numa embaixada a Roma ao serviço da Coroa filipina sendo em 1638 agraciado com o título de Marquês de Montebelo – nome pelo qual é mais geralmente conhecido.

Esteve em Portugal em 1638, mas em 1640 segue o partido de Filipe IV sendo-lhe então confiscados os seus numerosos bens (Casas de Castro, Vasconcelos e Barroso, de Machado – junto ao Cávado – de Ribeiro, Fafes, Paço, Vilela, Sequeiros, Outeiro, Cernado, Paços de Trava, Peroselo, Dornelas, Bobadela, Nogueira, Solar de Pinho, Cifões, Comenda de Coucieiro, e ainda as terras de Ente Homem e Cávado com a Vila de Amares com 330 lugares e aldeias de sua jurisdição.

Pelo seu bisavô – Manuel Machado de Azevedo – se encontra ainda aparentado com o poeta Sá de Miranda.

Não sendo o exclusivo criador desta personagem Picaresca (que retoma já de 2 romances anteriores) o Marquês de Monte Belo altera-o em parte e, sobretudo, empresta-lhe alguma dignidade, quando o mete na pele de um nobre (ainda que arruinado), depois de o fazer desembarcar de uma galé, com perdão real, fazendo-o de seguida jornadiar de Livorno a Sevilha e daí ao Algarve a caminho de Santiago.

As descrições e testemunhos postos na boca de Pícaro são pois, e antes de mais, testemunhos directos, saídos da experiência do próprio Marquês de Monte Belo, em viagem ou imagens por si realizadas, de mistura com a vivência, in “loco” das terras que frequentou, sobretudo Lisboa e Braga e nas do seu vasto senhorio de Entre Homem e Cávado.

Este romance parece ter sido redigido por alturas de 1650, mas os testemunhos nele contidos reportam-se seguramente à segunda vintena do século.

O texto permaneceu inédito e esquecido até 1927, altura em que um erudito alemão general Moldenauer – o dá a conhecer nas páginas da *Revue Hispanique*.

Por tal motivo, permaneceu praticamente desconhecido da tradição literária portuguesa – e não tanto por ser redigido em Castelhano (visto que o bilinguismo era corrente entre os melhores autores portugueses desde Gil Vicente a Camões, de Sá de Miranda a D. Francisco Manuel de Melo).

Apesar de hoje correr, pois, impresso, continua a ser praticamente desconhecido – e confesse-se – de acesso não fácil.

Eis pois o texto que trago: a *3ª Parte da vida aventureira de Gusmão de Alfarache* com o seu Peregrino, com o qual, de Ayamonte para Santiago, faremos conjuntamente a pitoresca jornada, sem esquecer os seus cúmplices na aventura, sejam portugueses ou estrangeiros.

Como dissemos a Peregrinação resulta de promessa feita ao Santo pelo “milagre” de se ver livre das galés, facto para mais, ocorrido precisamente na véspera da Festa do Apóstulo. Logo mandou dizer muitas missas e se sujeitou a aturadas orações para “pagar” tão grande favor ao Santo de Compostela.

D. João de Gusmão – nome com que ele próprio se baptizara – como confessa, vem da Itália – Livorno e passa naturalmente por Sevilha, o grande centro mercantil das Espanhas e formigueiro da mais variada clientela – santuário dos pícaros espanhóis. Por ali terão que passar fazendo o seu baptismo. Entra no Algarve por Ayamonte onde surpreende um mercado de escravos em pleno funcionamento. De Castro Marim vai a Lagos, mas nada anota sobre a terra do Algarve, apesar de, por então, – anos vinte – registar activo trato mercantil com a Andaluzia, com o Brasil e com as terras do Norte. Apenas daí, e a caminho já de Lisboa, registar os intensos calores do Sul do País, que os obrigam a jornadiar apenas pela manhã e ao fim da tarde. A terra surge como despovoada pelo Alentejo e sem abrigos e até pontos de poiso, razão porque para matar a fome se têm que socorrer do auxílio de pastores, a quem adquirem leite e queijo – que, confessa de excelente qualidade. Do mais a terra tem, de facto, – cito: “poucos reparos para sua defesa”.

A um dia de Setúbal encontra mais dois peregrinos que seguem igualmente de Romagem para Santiago e “para visitar Lisboa” de caminho. Os locais de encontro eram invariavelmente “as veredas” e tabernas ou as estalagens que bordejavam os caminhos. Aqui surpreendeu os dois “notáveis” Peregrinos, que o impressionaram, pelo seu tracto, nobreza e conhecimentos, com um domínio perfeito do castelhano, do português e do italiano. Veio depois a saber que eram franceses de boa estirpe. Facto que o levou a de imediato a blazonar também das suas origens nobres.

Chegam a Setúbal. Aqui surpreende-se com o movimento comercial deste porto sobretudo em torno do sal e da sua actividade pesqueira. Refere: “é porto de muito comércio de estrangeiros devido ao sal que aqui se fabrica em muita abundância e nos por-

tos do Norte é tido na melhor estima preferindo-o ao de outras proveniências” A cidade tem bom aspecto e a maior parte da pedra de que se constroem as casas é jaspe (mármore, naturalmente) – “o que noutros lados seria de grande estima, é aqui, pois, de mui pouca relevância e valor”.

Os mares de Setúbal são abundantíssimos de pescadas, sobretudo salmonetes, além doutras espécies de grande estima” dos quais se faz activa pesca.

De Setúbal seguem para Almada, vila de frente de Lisboa e local de passagem para a mesma. A primeira impressão de Lisboa e tomada daqui: “grande cidade que com haver já visto as melhores da Europa nos deixou admirados pela sua grandeza. É de figura alongada, estendendo-se ao longo do rio e de Belém a S. Bento de Enxobregas mostra dois grandes Conventos que se destacam na massa do casario: o dos Jerónimos e o dos Franciscanos. Tem de termo mais de duas léguas e todo ele se apresenta bem povoado. Pedindo comparação ao franceses com a cidade de Paris, confessam estes que “aparentemente” lhe levaria vantagem!

O comércio e o trato mercantil na cidade é grande. Ruas cheias de gente com mercadorias de todas as proveniências, com barcos que chegam e partem a todo o momento. O Rio por exemplo está “coberto de barcos”, e em certa ocasião vira ele partir, de uma só vez, mais de 100 embarcações com destino aos vários domínios de Portugal: do Brasil, África e do Oriente.

“Cidade de sumptuosas torres, igrejas, conventos e outros edifícios. Ostenta uma grandeza incomparável com todas as grandes cidades da Europa, com tanta satisfação da vista que deixa no esquecimento os reparos do mais insaciável desejo”.

Em Almada topam com um português abastado que na sua própria embarcação os leva a Lisboa depois de lhes dar acolhimento e guarida na sua Quinta da Caparica – presenteando os forasteiros com *excelentes vinhos*, frutas variadas, e pescados saborosíssimos. Com dois escravos ao serviço na embarcação e dois barqueiros, dali carrega vinhos e mantimentos para provimento da sua moradia em Lisboa. É um modelo de cavalheiro, afável, cortês, liberal instruído e sabedor. A hospitalidade portuguesa é aqui magnificamente retratada nesta personagem, como novamente o será em Braga e em Viana do Castelo.

Depois de visitar a cidade confessa-se estupfacto: “Lisboa é uma

cidade insigne”. O regalo e a abundância que há nesta cidade de todas as coisas necessárias à vida humana. Coisa mais para ver-se e admirar-se do que para escrever-se”.

Tudo aqui lhe pareceu bem: formosas as mulheres, bizarros os cavalheiros, agradável o povo, cortesies todos, entendidos todos. Só estranhou em alguns o andar affectado: teso, hirtó, dobrando pouco os joelhos e por parecer-lhe que era forçoso imitá-los, por duas ou três vezes – sem olhar o solo – como é seu costume, tropeçou na rua e foi motivo de chacota!

São os templos da cidade sumptuosíssimos, muitos de real magnificiência. Por dias visitaram a cidade e aquelas sumptuosas igrejas e insignes conventos os quais diz “para não particularizar nenhum deixa de referir as excelçencias de todos, que em todos há que admirar. O Terreiro do Paço é a maior e mais importante praça da cidade, local de desembarque dos que vêm da outra margem.

Em Enxobregas visita uma grande Quinta e Palácio “grande era a casa para um cavalheiro com um curioso e formoso jardim, horta e variadas plantas e árvores de mais diferentes frutas. A casa era excelente, mas mais excelente ainda a esplêndida merenda com que o presentearam. Nouto dia de visita foram à Igreja de S. António e depois ao convento de Belém. Distingue este de todos os mais. “Fez-me novidade o nome e não pouco a grandeza do edificio. Obra insigne como obra de Reis. De algo ali aprecia os admiráveis mausoléus. Dormitórios enormes, claustros formosíssimos, bibliotecas, e, fora belas hortas e jardins – tudo o que pode desejar-se para a vida e serviço de Deus. Dali vai ao Castelo que está construído na água. (Torre de Belém) admirando-se com a sua beleza.

Já um defeito encontra na cidade: a estreiteza da maior parte das ruas.

Este Pícaro boémico é um fino observador das pessoas e seus comportamentos traçando-nos um quadro perfeito da sociedade lisboeta. Serve de introdução um episódio que ele próprio surpreendera.

“Saindo um dia pela cidade com os meus companheiros encontramos um rico coche com grande ostentação e luxo rodeado de muitos pajens e lacaios ricamente vestidos. Perguntamos quem era o cavalheiro que nele seguia. Responderam-nos: Não é fidalgo!, Então o que? Logo veio a resposta: É um homem a quem el Rei fez

Fidalgo e assim quer parecê-lo efectivamente! Escalpeliza esse comportamento balofo dos endinheirados, dos Falsos nobres, da nobreza pelintra e descapitalizada, também esse mundo cão que é efectivamente já a vida mercantil lisboeta. “Aqui não se perdoa a ninguém, todos pagam o que devem com língua de palmo! – e às vezes com reditos! Ninguém vende mais do que vale e o que vale muito não se lhe pouca o valor. O dinheiro e a ostentação parece terem-se transformado no único estalão da vida. Por isso muita nobreza arruina, e frequentemente se depara com uma probreza envergonhada. Há, de facto, em Lisboa “muitos pobres que não querem parecê-lo”. Anota o viajante então que “aos portugueses sucede isto mais que a nenhum outro povo”. “O officio da fiscalidade e comum a todos os naturais do Reino”. Todavia a nobreza tradicional é orgulhosa e não quer confundir-se com a nobreza do dinheiro: “Quem chega a ser filho de algo por seus maiores e não por suas riquezas, por seu dinheiro é muito mais em Portugal que os que em outras partes são muito”. A bisbilhotice e a má-língua são comuns nesta sociedade lisboeta.

São em extremo devotos e religiosos. “na religião ninguém lhes leva a vantagem – aos que são originários portugueses”, (distinção elegante entre os Cristãos Novos e Cristão Velhos). Dentro dos templos surpreende-se com o venerável respeito que Deus ali tem. Como sacrilégio se abomina o falar os homens com as mulheres o que é muito de admirar numa nação não menos afeiçoada a elas e onde o amor não obra menos firmezas nem empreende a afrição menores impossibilidades. Isto é o que se vê em todos os Conventos e igrejas desta grande cidade. O Boémio não esconde que há modos de dar volta a esta situação exemplar: “mudas estão as línguas – (mas) falar poderão os olhos, sentir o coração. Isto é o que se passa e tal é o seu exemplo” – conclui.

Continua: “o recato das mulheres (das principais quero dizer) me espantou muito e a meus companheiros porque nisto fazem vantagem a todas e ainda as de menores obrigações pela maior parte, cumprem exactamente os preceitos da modéstia causando com ponderosa gravidade as devidas atenções o seu respeito. No aparente julgo que os interiores só a Deus pertencem. Não digo que onde há tantas, possam ser todas boas, mas onde muitas o parecem, poucas há-de haver más. Uma só andorinha não faz o verão e em toda a parte do mundo há 1 légoa de mau caminho,

mas neste muito tem andado as mulheres no da honestidade e da virtude e do pondonor”.

Com fineza observa nas Ruas e nos Mercados da Ribeira o comportamento das pessoas: o seu falar e linguajar, os seus rostos e fisionomias, o remoquear das palavras, o trocar dos olhares, o meneio das cabeça e das mãos os ademanes e galanteio dos corpos. Até com as regateiras e peixeiras da Praça se encanta. Por momentos se perde nesse mundo e “quedando-me suspenso por um momento e entretido por muitas, considerava consigo mesmo: “ai gusmãozinho que tempinho precioso tu perdeste nas tuas mocidades”.

Não sai da praça sem anotar e se entreter com uma cena típica dos mercados seiscentistas, uma bulha entre peixeiras que vendiam seus pescados, descrevendo a cena com graça e pormenor.

Anota que normalmente os portugueses (lisboetas) murmuram de todos, gostam de pavonear-se e apreciam muito os títulos “campanudos”. São invejosos, desconfiados e quase sempre vingativos fazendo justiça por mão própria sempre que podem.

Depois de visitar Lisboa, deixa a casa de seu ilustre hospedeiro, “homem muito rico, bem instruído, verdadeiro cavalheiro, com rica casa de muita e lusida prata, esmoler, hospitaleiro e vê partir com tristeza os seus amigos franceses que seguem para Bordéus. Para exprimir toda a riqueza de sentimentos, a tristeza e a nostalgia com que os via partir pede autorização para usar um termo genuinamente português “digamo-lo em português pois em castelhano não há com que realmente se declare o mal que padece a alma quando se ausentam os que se amam “Com grandes *saudades* me deixaram Propércio e Ricardo...”

Mas deixemos Lisboa e retomemos caminho.

Da Ribeira de Lisboa – cujo ambiente humano retrata com firmeza e mestria, o nosso Romeiro segue de barco para Santarém juntamente com outras pessoas, muitas das quais – mercadores. Rio acima, compraz-se na descrição da paisagem e sobretudo nas histórias ora trágicas, ora picantes que os barqueiros vão contando, dos senhores das casas e solares que desfilam, na margem norte. A nota, na verdade, as “muitas e mui lindas casas de lazer, a que chamam Quintas, todas voltadas ao Tejo. Particularmente notada é a Quinta do Grilo do Conde Redondo. Em Alhandra toma a companhia de um frade que vai de caminho para Braga, e com o

qual fará larga amizade. Entretanto, aproveita para tecer uma última forte crítica contra essa nova e falsa nobreza lisboeta de Seiscentos.

Em chegando a Santarém, cumpre as obrigações deromeiro: preceito da missa a que assiste no Convento de S. Francisco. Adivinha-se que Santarém era um lugar obrigatório das caravanas e viajantes que subiam para o Norte ou desciam para o Sul. Aí encontra muita gente cruzando esses caminhos. Mercadores do Minho – de Braga em particular eromeiros que vindos já de Santiago, desciam para o Sul. Assim um curioso Napolitano, servido por dois criados espanhóis. Estes e ele próprio, metem, com acinta o amo a ridículo, também ele um falso Nobre que em todo o lado se fazia passar por grande senhor. Por toda a parte era essa a senha de passagem para serem bem recebidos e tratados. Normalmente, e, por isso mesmo, pouco se demoravam nos locais (tal como o nosso D. João de Gusmão) para não verem descoberta o seu embuste. Aquele vinha de Madrid – passara por Rio Seco – ainda uma feira muito bem frequentada e daí, para cumprir as suas obrigações, a Santiago. Passara a Pontevedra e num dos portos da Coruña tomara uma embarcação de mercadores de Viana, donde segue, pela Ria acima em embarcações até Ponte de Lima a caminho do convento das monjas de Vale de Pereiras. Passara a Braga seguindo depois para Vila do Conde, Azurara, Vairão e finalmente ao Porto, seguindo daqui directamente, por Coimbra para Santarém percurso que cumprira em três dias.

Em Santarém, por ser ponto muito frequentado, tem alguma dificuldade em contratar almocreves e arrieiros que, finalmente, desencanto. Seguindo por Tomar, aqui toma por companhia mercadores de Viana e Braga. Um deles entregava-se ao trato de jarros, lenços e fios de linho, que de Guimarães e su termo levava a Lisboa, donde os embarcava para o Brasil. Conta então curiosas peripécias passadas com este mercador.

Em Tomar nada o surpreende a não ser o insigne convento da Ordem de Cristo, que por si faz célebre a vila. Daqui seguem, em comitiva as fraldas da Serra de Anciã, por cujos caminhos se reabastecem de excelentes queijos que adquirem directamente aos pastores. Aqui avista garimpeiros nos regatos (mulheres e crianças) buscando pepitas de ouro, anotando que nas areais do leito do Mondego isso era ainda mais frequente.

São caminhos difíceis e ásperos mas refere serem muito frequentados por bandos de gente de Entre Douro e Minho e Beiras que, terminadas as suas colheitas vão às fainas do Alentejo especificamente aos moinhos de Azeite de Évora.

Dali sobem para Coimbra, cidade importante pela Universidade, pelas suas torres, edifícios e curiosos conventos e pela enorme fertilidade dos seus campos. Espanta-se com a “opulência dos seus campos” que em largo superam os melhores de Espanha.

O edifício da Universidade – é coisa grande e majestosa sobressaindo de todo o restante casario: “Lê-se nela as 4 Faculdades: Teologia e Cânones, Leis e Medicina”. Visita a cidade e ainda o Convento de Sta. Clara na outra margem do Rio e embrenha-se com seus “cicerones” estudantes, na vida estudantil da cidade. Mas são os campos – e a sua fertilidade que o surpreendem de modo muito particular referindo que sementes há, que aí chegam a produzir 1 por 200! (seguramente o maíz que entretanto se difundira rapidamente nas terras do Mondego e ainda o feijão, que é expressamente referenciado).

Em Coimbra, engrossa a comitiva com novos mercadores, que da Cidade e termo levavam linhos para vender em Guimarães. Mercadores-almocreves e estudantes convivem amigavelmente, tocam e cantam em conjunto iludindo as agruras do percurso. Diz mesmo que era facto corrente entre os almocreves a prática do canto e da récita de coplas e romances. Interessante, este aspecto do almocreve-trovador, que de terra em terra se transforma em veículo de transmissão de canções, músicas e tradições populares – aspecto até agora não explorado – creio, no contexto de literatura de Seiscentos como dos tempos anteriores). Alguns cantavam em castelhano (anote-se, mais uma vez, o frequente mesmo nos meios populares mais populares) e muitos dos romances que cantavam ou recitavam, mais não eram que adaptações de histórias e peripécias locais como era o caso do Romance de D. Guiomar – recolhida aqui na cidade de Coimbra. Sai da pousada de Avelãs, em companhia de mais dois vienenses: um mercador e um tal Frei Pedro, com o qual vem a fazer larga amizade. Aproveita para antecipar ser Viana da Foz do Lima, nesses tempos terra de bons mercadores sendo aí numerosos os mercadores de Madrid. Terra também de muita e valorosa nobreza.).

Cinco dias gastaram de Coimbra a Vila Nova de Gaia. Atraves-

sado o rio Douro percorre a cidade do Porto. (depois de, mais uma vez, ir ouvir a sua missinha ao Convento de S. Francisco).

Impressionou-o bem esta cidade, na qual encontra semelhanças com Lisboa, não na sua grandeza mas na sua disposição geográfica. Altas torres e uma rede ainda intacta de muralhas todas serreadas de ameias que tudo junto “como vai baixando para o rio faz uma formosa vista a quem observa a cidade da parte de Vila Nova”.

Perguntaram-lhe Frei Pedro e os estudantes qual a sua impressão da cidade. Responde: a cidade melhor do que eu pensava – o rio muito menos”

Ao entrar no Entre Douro e Minho anota que esta provincia é a melhor de todas as do Reino para a vida humana, por ser a mais salubre, a mais fresca, a do melhor clima e a mais arborizada. As suas fontes são inumeráveis e águas frescas e cristalinas. Os seus pescados tanto dos rios como dos mares, os melhores do Reino. A sua nobreza o mais antiga. São formosas as suas mulheres, gentis os homens, notáveis os engenhos, valorosos os seus moradores.

O Porto impressiona-o pelo activo trato mercantil, onde existem muitos mercadores e ainda pela abundância de pescados. Morada também de muitos ouvidores – mas geralmente corruptos.

Refere que nesta provincia se come bem “se come muito” e que, por esses motivos existem pessoas de larga longevidade, (ultrapassando em muitos casos os cem anos)! É a melhor terra entre todas e os seus íncolas hábeis nas ciências e nas artes. Comummente são os homens – como até as mulheres – de maior força e robustez física, mais suportadores, por isso, do trabalho. São numerosos os seus habitantes. Refere a “grande multidão de vidas, lugares e aldeias de tal modo que formam um povoado contínuo. Só nos altos montes rareia a população e a mesma se torna aqui mais rude. E continua: “Dizem que é pobre esta provincia os que não a conhecem. Não vejo em que se fundamentam. Ela sustenta os seus moradores, que são muitíssimos e sai dela (ainda) pão em grande número para outras partes do Reino e fora dele, e outras muitas coisas de que é abundante e isto não obstante ser apenas cultivado cerca de 1/3 do seu terreno por o resto ser geralmente montanhoso. Só um defeito lhe reconheço ser limitada pois apenas comporta 18 léguas de comprido por 12 de largo!”.

“Quem quiser averiguá-lo veja o que sendem os dízimos de

todas as Igrejas desta Província, além de muitos que não se pagam, como ainda das primicias e sanjoaninas dos gados sem contar com o que se furta, com o que ganham os Rendeiros e com o que se come antes de pagar o dízimo. Por tudo se achará que só o Entre-Douro e Minho, vale mais que todas as restantes, e todas as mais Rendas da Coroa!”.

Refere que a partir do Porto se entra efectivamente no melhor rincão que há no mundo. Este é o solar da Primavera, o retiro da saúde, o jardim da natureza, o estanque das melhores fontes. Seguramente a melhor terra que há no mundo. Apinhada de gente. “Só ela produz mais gente que todas as mais do Reino e rara é no mundo a terra que não tem gente saída de Entre-Douro e Minho”.

Do Porto segue o Romeiro para o Norte, pela Barca da Trofa a caminho de Famalicão cumprindo a jornada com a chegada a Braga ao fim da tarde.

Braga, antiquíssima é “uma das primeiras cidades de Espanha”. Fica bem impressionado com a cidade. Ainda que não seja tão povoada como o Porto é porém, mais ampla e arejada: mais amena, plana e de arruamentos mais largos. Aqui vai aos principais templos da cidade. Sr^a Branca, ao campo de Santana, – onde o impressiona uma grande fonte monumental e naturalmente a Sé, ponto de passagem obrigatório dos romeiros. Hospeda-se na casa de um estudante – seu companheiro de viagem, onde á magnificamente recebido, facto que estranha para o estatuto de um estudante.

A cidade extravasava então já para fora das muralhas e ocupa vários campos. Essas praças por serem grandes e fora de portas lhe chama aqui Campos. Refere os muitos cruzeiros com grandes pirâmides “a moda das de Roma” curiosamente lavrados e de notável altura “que de si bastam para enobrecer esta antiquíssima cidade”.

Refere mais uma vez a abundância em frutas e carnes – variada caça e espanta-se com a barateza dos géneros e a modéstia dos preços em relação ao das outras províncias.

Estas populações andam bem alimentadas, razão principal da sua robustez física e da sua capacidade para as artes e ofícios “razão da boa alimentação que possuem”. Daí o adágio que “Homens os de Braga. Mulheres as de Guimarães, por serem estas formosas, brancas e olhos grandes, aqueles gentis de corpo e cara”. E isto é igual em todo o Entre Douro e Minho. E remata, embeve-

cido: “muitas graça a Deus têm que dar os que nasceram nesta província” “Só um defeito notei – refere – na Nobreza e Senhores que aqui vivem que é não saber dissimular os agravos por ligeiros que sejam”.

Participa na vida boémia da cidade na companhia dos estudantes que trouxera de Coimbra em cantares, dança e comesainas rematando com uma interessante vista panorâmica do conjunto do Vale, tirada do cimo da Serra da Adaúfe, – na Portela de Adaúfe – até onde propositadamente o conduzira o seu cicerone – Fr. Pedro:

Pergunta-lhe então este: Diga-me agora o que vê: montanhas ou jardins? Já viu algumas vezes outro vale como este? Sem paixão mo diga para desenganar-me, pois a quem já muito viajou fácil será dizê-lo. Ficou rendido o romeiro: razão tinha o meu amigo: É de facto uma vasta ribeira ou vale que se estende a nossos olhos numa extensão de cinco léguas de comprido por duas de redor. Tudo planície, povoada de árvores, e estas muitas de parras que cercam os campos e que tudo junto, como o rio serpenteando no meio imita um dilatado jardim. Aqui fica e aqui faz Coração a Província de Entre-Douro e Minho.

Daqui se descobrem mais de oitenta paróquias que algumas foram e são mosteiros antigos de S. Bento e S. Bernardo. Muitas Torres e Solars de ricos-homens, famílias ilustres que antes que Portugal fosse reino se edificaram. Os lugares são tão bastos e tantas as aldeias e tão cobertos de arvoredos que não dão lugar aos olhos para as enumerar.

Depois de estar suspenso um pouco “mirando aquele novo retrato da Primavera” me foi explicando tudo: Aquelas serras asperíssimas cujas fraldas banha este rio Cávado, chamam Jares (Gerês) que a natureza pôs por muralha entre portugueses e galegos. São povoadas de muitas feras e é em grande parte impetrável aos homens, correndo grandes perigos os que ali se arriscam.

Aquela grande igreja que se vê, baixando a serra, foi em tempos convento de S. Bernardo – hoje é o célebre templo do Senhora da Abadia, que os Bernardos do Mosteiro que chamam Bouro administram. É imagem de muitos milagres e grande concurso de gente que por três dias de Agosto enchem os caminhos e estradas da região, além de concurso durante todo o ano. Aquela outra terra da outra parte do Cávado é S. João de Rei, Senhorio dos Azevedos

que em tempos antigos foram também senhores de Aguiar e Pena e hoje são dela e das terras de Bouro e Couto de Santa Marta. Mais além é a terra de Lanhoso que em tempos foi dos Reis de Leão donde procedem os Marqueses de Astorga e neste Reino os Vasconcelos, os Ribeiros, Alvelos e Machados em cuja Casa está o Solar da Torre, que são os senhores de todas estas terras que vemos entre os rios Homem e Cávado. Vivem naquele Castelo que está no meio delas.

Outros muitos Solares há nestas terras ilustre e de nobre apellidos: o de Vasconcelos, Ribeiros, Pereiras, Lagos, Fafes, Sequeiras e outros. Acolá em frente a S. João de Rei, as ameias da Torre do Outeiro donde vieram os Velosos. Aquele templo que almeja no bosque é Nossa Senhora da Guia imagem de grande devoção que para ali levou Francisco de Sá de Meneses tirando – a de outra ermida que há no jardim, fábrica do seu avô Francisco de Sá de Miranda. Ali ao lado aquelas majestosas torres – são do Mosteiro de Rendufe, um dos primeiros da Ordem de S. Bento. Acolá, mais além, estão as Terras de Regalados e Senhores delas os Abreus das primeiras famílias do Reino e até das Castelas. Em tempos passados foram eles Senhores de muitas terras e Castelos e Condado de Valadares que hoje é dos duques de Caminha. Atí no meio serpenteia a Ribeira de Homem e, lá ao cimo, Cabaninhas, há pouco totalmente arrasada por um desmoronamento e pela tempestade. Mais adiante, o Paço de Ouriz, depós a Torre de Outeiro e Lameiro – Quintas muito antigas. Mais além, o Solar de Abiom. Por detrás daquele monte fica o Solar dos Barros e Couto de Gomim - Aquém de Regalados, a Torre e a Casa de Coucieiro. Nas fraldas daquele monte em frente, Linhares e, mais adiante, o Solar de Barbosa. Naquela igreja ali mais próxima o Paços de Lanhas que vem dos tempos dos Reis de Leão.

Ao meio as Torres do Solar de Geme e ali, junto ao Homem o Couto de Sabariz. Aquela casa antiga, a pouca distância dos Rios, o Solar de Barbudo.

Ali ao fundo, ao Poente, a vila e as terras de Prado com muitos solares e casas antigas como a dos Soares, Sousas, Alvins e a Quinta de Formariz. Aquela Torre lá mais afastada, a Casa e o Couto de Azevedo dos Azevedos e lá mais adiante o Solar de Neiva. Paremos por aqui, para não correr com a vista até ao mar.

Nesta margem, frente a Prado, aquele grande mosteiro é o de

Tibães, cabeça da. Ordem de S. Bento e a Casa de Recreio, ali perto, a Quinta de Semelhe, estância dos Arcebispos e ants da Casa dos Pimentas. Esta terra, a nossos pés, é Palmeira que foi dos Pereiras Forjazes.

Fez-se noite. Regressaram a Braga e à boémia habitual. A cidade, remata é de muitos mercadores, que blazonam ser do mais puro sangue do Reino.

Urgia continuar a jornada. Saíram para a Galiza por Prado visitando S. Frutuoso, depois de passar no Carmo onde há uma grande ermida e uma boa estalagem, obra de um taberneiro. “Mais se diria obra de nobre mais do que de vendedor de vinho e taberneiro”. Daí seguiram até Darque, na margem do Lima que passaram de barca para entrar em Viana.

Aqui são acolhidos por um curioso personagem – um tal Manuel da Fonseca – amigo de seu companheiro – Frei Pedro.

Personagem singular. Pelos dotes e pelo viver como filósofo. Gentil poeta nas línguas latinas, portuguesa e castelhana e ainda italiana. Tinha em sua casa toda a espécie de instrumentos musicais que a todos tocava com igual destreza. Compunha com arte e graça, destro na música e razoável na voz. Pintava excelentemente e em grotescos e folhagem era exímio: – “não vi em toda a Itália quem o excedesse”. “Nas suas posses, era liberal, magnânimo e grandioso. Onde estava não havia tristeza”.

Regalou-os com excelentes banquetes com todo o género de frutos tanto de Espanha como do Brasil que mandava vir para sua casa e que com segredos as mantinha frescas e perfeitas, conservando-os por muitos meses.

De Viana seguem para Caminha, subindo o Rio até Tui onde Frei Pedro o larga, tomando então a companhia de dois galegos.

As descrições, para além de Valença do Minho, dizem agora respeito à Galiza.

Mas nem a terra, nem as gentes, nem a hospitalidade lhe merecem tantos encómios. De Tui, toma a estrada de Pontevedra para atingir finalmente Santiago, onde vai cumprir a sua promessa, e onde mergulha em todo ambiente de prática e fervor religioso, que ali, por todo lado aquele se respira entre os muitos Romeiros que ali acorreram de todo o lado ocupando as estalagens e conventos da cidade.

Em Santiago dedica-se às práticas religiosas, confessa-se,

comunga. E, arrependido do seu passado, fez-se religioso-solitário e, retirando-se para uma ermida, junto do qual fica uma gafaria.

Aqui se dedica ao mais variado tratamento dos enfermos, curando muitos. Descreve, com pormenor as doenças e os antídotos e mesinhas, plantas e unguentos que usava para as curas. Um repositório curioso e muito importante para uso da medicina popular para todo o tipo de feridas e enfermidades. Um autêntico promptuário médico em uso na medicina popular de Seiscentos. Confessa finalmente: "com estes remédios pois e outros muitos que se o tempo me der lugar darei à estampa ganhei tanta fama entre os galegos que com o que se me dava, além de com isso socorrer ao Hospital dos Gafos fazia ainda muitas esmolas aos pobres. E peço às pessoas que com estes remédio se acharem bem, cobrando a saúde que peçam a Deus que me livre das penas do Inferno"!.

Este estranho pícaro pede finalmente que deixem ficar nessa Ermida, para fazer penitência de suas graves culpas e pecados". A vida que levava, justificava por demais tal conduta e procedimento.

Creio mesmo que seria o fim corrente e habitual, o remate final para muitos dos que, por então, se aventuravam pelos caminhos de Santiago, temperando a marginalidade e vagabundagem com o arrependimento final. Como é imagem mental também do Século XVII.

Uma visão demasiado fácil e idílica da primeira metade do Século XVII. Talvez sim, em alguns aspectos. Talvez não na generalidade. Na verdade, uma radiografia tomada à base das terras, bens e dimínios dos Mosteiros de S. Bento de Entre Douro e Minho por exemplo, confirmaram, na generalidade, esta visão do viajante e romeiro, que em relações de Minho nos surge, à primeira vista, demasiado. Todavia, não é mais sustentável hoje a visão catastrófica de todo o Período filipino e seguro é que pelo menos desde primeiro quinquênio de seiscentos, a economia, a população e a produção agrícola, artesanal e mesteiral, cresceram em toda a região, até vésperas de 1640.

Relembramos, as brevíssimas mas importantes e significativas referências, à azáfama dos portos marítimos, ao comércio interno particularmente em torno do têxtil na região de Braga, Guimarães, atraindo as próprias terras do centro do país como Coimbra; uma produção agrícola de elevados rendimentos por unidade na região

do Centro e em toda a zona de Entre Douro e Minho, e a importantíssima referência que nos apraz sublinhar de que o Minho se basta a si próprio, e com frequência exporta seus grãos, e outras produções, para o restante país e até para fora.

A largas considerações nos poderiam levar estas observações, mas urge que paremos por aqui remetendo para alguns trabalhos, onde mais demoradamente desenvolvemos e abordamos esses aspectos e onde estes “apontamentos de viagem” se comprovam e por vezes se alargam recebendo, por sua vez, mais um testemunho presencial de quem percorreu e observou a realidade geográfica e humana de ponta a ponta de todo o espaço metropolitano a meados de Seiscentos.

Leitura: *Tercera Parte de Gusman de Alfarache; Su Autor Feliz Machado da Silva e Castro 1º Marques de Montebelo*. Publicação de Gerhard Moldenhauer, in “Revue Hispanique”, nº 155, 1927, p. 25-327 (1 a 24 Introd. de...).

João de Palma Ferreira. *Do Pícaro na Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1981.

Aurélio de Araújo Oliveira